

CARTA A NOEMI ELISA ADERALDO

João Clímaco Bezerra

Rio de Janeiro, setembro 29, 1987

Minha boa amiga Noemi Elisa,

Somente hoje venho agradecer-lhe a alegria que você me proporcionou com a leitura de *Nos Caminhos da Literatura*. A falta de seu endereço impossibilitou-me de escrever-lhe, como era do meu desejo. Aproveito, por isso, a visita do nosso querido poeta Arthur Eduardo Benevides para transmitir-lhe a minha desvaliosa, mas, como sempre, sincera impressão sobre o seu livro.

O lúcido e preciso ensaio sobre Mário de Sá-Carneiro deixou-me perdidamente apaixonado pela sua inteligência e pela sua sensibilidade. Você colocou o poeta na sua exata e merecida posição. Não se incluiu na unanimidade da crítica portuguesa, inclusive do mestre João Gaspar Simões, em ressaltar, como ponto de partida de uma interpretação, a circunstância de ter ele merecido a fraternal amizade de Fernando Pessoa. Esse fato, meramente episódico, tem valido para apontar, embora de maneira sutil, possível influência de Pessoa em toda a criação poética de Sá-Carneiro. Nada mais falso. Se identidade existe é meramente ocasional. Deve-se ao fato de ambos pertencerem à mesma geração, ao mesmo grupo. Isso se observa, igualmente, com Mário de Andrade, como Osvaldo de Andrade, com Carlos Drummond de Andrade, todos do movimento modernista, mas todos autênticos. A repetição faz-me lembrar o verso de Fernando Pessoa, que reconstituo de cor, não sei se exata-

mente: um dia de sol não é mais belo que um dia de chuva. Ambos existem. Cada um como é. Assim são Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Ambos existem. Cada um como é. E nas páginas do seu ensaio encontramos Sá-Carneiro em toda a sua dimensão.

Na verdade, a poesia de Sá-Carneiro é luminosa, em toda a extensão da palavra. José Regis disse de Camões, por ocasião do IV centenário de *Os Lusíadas*, que o mar entrou por ele adentro. E coube. De Sá-Carneiro podíamos parodiar: o Sol entrou por ele adentro. E coube. Você vestiu-se de sua luz. Mulher, deixou-se possuir pelo sol, como no poema de Castro Alves.

Na mesma linha colocam-se os ensaios sobre Fernando Pessoa e Eça de Queirós. Do Padre Vieira ou do Cesário Verde. Os dois primeiros, no entanto, nos transmitem a sensação de não acabados. Sente-se que você ainda tinha muito a dizer. Mas isso não invalida o que você disse, com segurança e sensibilidade.

Não me leve a mal, mas tenho um reparo a fazer. A sua formação crítica estruturalística levou-a à dissecação do poema. E dissecar um poema não é apenas inviabilizá-lo. É muito mais: é destruí-lo, sufocá-lo, matá-lo. Comparo essa operação, que a pouco conduz, ao que ocorre com um estudante de anatomia. Disseca o cadáver. E para quê? Para, ao final, encontrar os órgãos que ele já conhecia, nos lugares em que ele já esperava. Não leva a nada, positivamente. Apenas à conferência, à prova. Essa dissecação levou você à equívoca mensuração estatística das palavras.

Você sabe melhor, digo mal: você sabe muito melhor do que eu, que a palavra, no poema, não se escraviza ao jugo da definição sintática. Ao contrário: multiplica-se, ala-se. Abre caminhos, perspectivas, horizontes. Conotações novas, por vezes coincidentes, por vezes conflitantes. Daí o conselho do mestre Drummond no seu célebre poema: é preciso descobrir o que se esconde por trás das palavras. Ou do desalentado verso de Manuel Bandeira: a vida inteira que podia ter sido e que não foi. Lembro, ainda, a afirmação de José Américo de Almeida, que se converteu numa esplêndida lição para os críticos: "Ver bem não é ver tudo. É ver o que os outros não vêem". E você vê bem. Vê com a alma, apaixonadamente.

Perdoe-me a restrição. É o vezo de um velho impressionista que formou o seu espírito judicativo em Araripe

Junior, Sílvio Romero, José Veríssimo, Tristão de Athayde, Álvaro Lins, Antônio Cândido. É verdade que, também eles, tiveram a sua sombra: na crítica gramatical de um Osório Duque-Estrada, na verve destruidora e sarcástica de um Agripino Grieco, e, mais recentemente, na persistente mediocridade de um Wilson Martins.

Sua crítica é segura, clara, precisa, respaldada numa rica e diversificada formação humanística e literária. E isso é tudo que se pode esperar de um ensaísta. Porque a honestidade, a integridade e justeza de pensamento são inatas em criaturas como você: inteligentes, sensíveis, profundamente lúcidas.

Meus parabéns! E os votos para que Deus continue a lhe dar a alegria do estudo e do trabalho.

Um grande fraternal abraço do seu velho amigo velho.

Os motivos próximos que me levaram a escrever *O Mundo de Flora* (iniciado a 7 de novembro de 1983) foram uma exatidão e a minha inação, diria para susto de algum médico que me lesa, corrigida.

Em uma noite entre outras, em que se concretizaram a inação e a dor, resolvi levantar-me para escrever e, assim, em algumas noites, escrevi *O Mundo de Flora*.

Na primeira noite também comecei a escrever, trechos do meio e o fim. Depois crises mais episódicas e o trabalho melhor foi de "carpinteiro", ou seja, introduzir episódios, mudar outros de lugar, verificar o seguimento das ações etc.

E os motivos remotos? Este está na menina que foi e não é e na vontade um dia também escrever para outras meninas que lerem e tenham e sonharem um dia...

E na busca selvagem de labirínticas bibliotecas foi guiada pela mão segura de um pai que ainda hoje é a sua enciclopédia de viver e de saber. Assim, a menina que foi e não é meu pai, Luciano Mata, levou os mesmos livros e depois conversávamos sobre eles como se conversássemos vivências do nosso dia-a-dia.

Além de ler a menina "ouvia" histórias. Três grandes contadores de histórias o avô materno, dr. César Rossas, a mãe, Angela Luis Pompeu Rossas Mata e um agregado da casa, o velho Bárbara, cobriam a cabeleira ardente da menina com histórias fantásticas, lendas, "causos", contos

ENTREVISTA CONCEDIDA PELA ESCRITORA
ANGELA GUTIERREZ À JORNALISTA LEDA MARIA,
DO DIÁRIO DO NORDESTE

1 — Como nasceu esta vocação de escritora?

Os motivos próximos que me levaram a escrever *O Mundo de Flora* (iniciado a 7 de novembro de 1982) foram uma enfermidade e a minha insônia, direi para susto de algum médico que me leia, congênita.

Em uma noite, entre outras, em que se condeminaram a insônia e a dor, resolvi levantar-me para escrever e, assim, em seguida noites, escrevi *O Mundo de Flora*.

Na primeira noite, lembro bem, escrevi o começo, trechos do meio e o fim. Depois criei mais episódios e o trabalho maior foi de "carpintaria", ou seja, introduzir episódios, mudar outros de lugar, verificar o seguimento das ações etc.

E os motivos remotos? Estes estão na menina que lia e lia e lia e sonhava um dia também escrever para outras meninas que lessem e lessem e sonhassem um dia...

E na selva *selvaggia* de labirínticas bibliotecas foi guiada pela mão segura de um pai que ainda hoje é a sua enciclopédia do viver e do saber. Assim, a menina que fui e meu pai, Luciano Mota, íamos os mesmos livros e depois conversávamos sobre eles como se comentássemos vivências do nosso dia-a-dia.

Além de ler, a menina ouvia histórias. Três grandes contadores de histórias, o avô materno, dr. César Rossas, a mãe, Angela Lais Pompeu Rossas Mota e um agregado da casa, o velho Barbosa, povoaram a cabecinha ardente da menina com histórias fantásticas, lendas, "causos", contos